

**IMPLICAÇÕES PROPOSITIVAS DA VOCAÇÃO
MISSIONÁRIA NO “MANIFESTO DE NAZARÉ” EM
LUCAS 4.18,19**

Ezequias Amâncio Marins

Mestre em Divindade pelo Seminário Teológico da Fé Reformada, SP, pós-graduado em Ciências da Religião pela Faculdade Serra Geral, MG, pós-graduado em Teologia Bíblica pelo Centro de Pós-graduação Andrew Jumper, SP, licenciado em História pela Universidade Estácio de Sá, RJ, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, RJ e pastor Batista.

IMPLICAÇÕES PROPOSITIVAS DA VOCAÇÃO MISSIONÁRIA NO “MANIFESTO DE NAZARÉ” EM LUCAS 4.18,19

Resumo

Todo crente tem um chamado: seguir a missão de Deus cumprida plenamente por Jesus de Nazaré. Neste ensaio o autor procurou desenvolver um olhar mais atento no conhecido “Manifesto de Nazaré” que Lucas registra em seu Evangelho (4.18,19) como modelo da essência e alcance da vocação cristã como igreja missionária. A perspectiva apresentada é a de que o crente tem um alvo intencional em sua missão, a saber quatro grupos: “pobres, cativos, cegos e oprimidos” e a estes precisa-se anunciar o “ano aceitável do Senhor”, a saber o “Ano do Jubileu” extraído de Levítico 25. Jesus no início de seu ministério, na peculiaridade do olhar de Lucas com base na Galileia, concentra sua visão de chamado missional em sua proclamação de que o tempo do Jubileu já era chegado, e as marcas desse tempo seriam a “liberdade e o amor”. Quando se pensa em vocação, enxerga-se também esses elementos de anúncio desse tempo de equilíbrio entre pendências com o passado e perdão no presente, uma vez que no Jubileu as dívidas eram perdoadas, as terras devolvidas aos seus antigos donos e os escravizados eram libertados. O autor entende vocação como algo que vem de Deus e alcança corações, isso quando realidades das Escrituras como Isaías 61.1-3 se tornam realidade em Jesus, em Lucas 4.18,19.

Palavras-Chave: Lucas. Nazaré. Jesus. Vocação. Missão.

Abstract

Every believer has a calling: to follow God's mission fully accomplished by Jesus of Nazareth. In this essay, the author sought to develop a closer look at the well-known “Manifesto of Nazareth” that Luke records in his Gospel (4:18,19) as a model of the essence and scope of the Christian vocation as a missionary church. The perspective presented is that the believer has an intentional goal in his mission, namely four groups: “poor, captives, blind and oppressed” and to these it is necessary to announce the “acceptable year of the Lord”, namely the “Year of the Lord”. Year of Jubilee” taken from Leviticus 25. Jesus at the beginning of his ministry, in the peculiarity of Luke's perspective based on Galilee, focuses his vision of the missional call on his proclamation that the time of the Jubilee had already arrived, and the marks of that time would be “freedom and love”. When one thinks of vocation, one also sees these elements of announcing this time of balance between pending issues with the past and forgiveness in the present, since in the Jubilee debts were forgiven, lands returned to their former owners and the enslaved were freed. The author understands vocation as something that comes from God and reaches hearts, this when realities of Scripture such as Isaiah 61.1-3 become reality in Jesus, in Luke 4.18,19.

Keywords: Luke. Nazareth. Jesus. Vocation. Mission.

Introdução

No Evangelho de Lucas há o trabalho de um historiador, um homem da ciência, que se preocupa em reunir fatos pelo testemunho de pessoas que conviveram com Jesus. Todo esse trabalho foi empreendido para ser enviado a um Téofigo, que pelo título de “excelentíssimo” é apresentado tanto no Evangelho quanto no livro seguinte, “Atos dos Apóstolos” como o destinatário mui digno desse tratado.

Em um recorte no Evangelho de Lucas, será analisado aqui o “Manifesto de Nazaré” (4.18,19), como ponto de avaliação do resumo da missão de Jesus junto aos carentes em seu tempo. Todo o Evangelho de Lucas é construído a partir dessa ênfase, onde Jesus forma o “Novo Israel” a partir desses grupos de “pobres, cegos, cativos e oprimidos”.

Será visto neste prisma o “Ano do Jubileu” como sendo um clima de euforia divina nesse movimento que Jesus representa, a saber, sua vinda como Rei de Israel que traria a libertação ao seu povo, seria uma espécie de “segundo êxodo”. Isso ficará mais claro à medida em que se verá detalhes desse tempo do Jubileu que marcarão inclusive elementos das expectativas messiânicas como base de sua mensagem evangelística.

A vocação missionária precisa ser questionada ao se perceber que a igreja sempre teve o compromisso de se misturar ao povo em seu entorno a fim de pregar o Evangelho com os “pés no chão”.

A proposta do evangelho de Lucas

Entende-se após a leitura do seu prólogo (1.1-4) que Lucas, após uma minuciosa pesquisa envolveu-se ao trabalho de formar “uma exposição em ordem” de toda a vida e ministério de Jesus.

Broadus David Hale destaca que:

É quase universalmente admitido que o terceiro Evangelho é um dos mais belos livros já escritos. A extensão incomumente ampla de vocabulário, a excelência da gramática e a alta qualidade do estilo mostram que a obra de Lucas é digna de ocupar um lugar respeitável entre os gigantes literários de todos os tempos. O prefácio (1:1-4) foi chamado de “uma perfeita joia da arte grega”.^[1]

Quando se identifica que esse Evangelho foi escrito como parte de um tratado que incluía o livro de “Atos dos Apóstolos”, o entendimento do texto é enriquecido, no ponto de vista de que a história de Jesus é prosseguida pela história da igreja e dos apóstolos, e por consequência pode-se afirmar que a missão de Jesus é seguida pela missão da igreja. Tudo isso no chão da história. A revelação de Deus não é etérea, incorpórea e alienante, mas tem origem no chão da humanidade.

É o que o Reverendo Flávio Gouveia de Oliveira vai argumentar em sua obra:

É interessante que ele não escreveu o evangelho em um transe onde recebia mensagens místicas e transcendentais, mas realmente foi atrás da informação, impulsionado pelo mesmo Espírito que capacitava a mensagem falada, afinal, ele mesmo participava dessas pregações, inclusive com o apóstolo Paulo (cf. At 16.11ss).^[2]

Nessa relação entre a escrita do Evangelho, que seria uma “biografia teológica” da vida de Jesus e de sua missão, em conjugação com uma obra historiográfica detalhada do avanço da igreja a partir dos eixos de dois apóstolos, a saber, Pedro (Atos 1-12) e Paulo (Atos 13-28) é importante salientar que essa culminação temática deu-se por conta do propósito de Lucas ao reunir suas fontes para traçar o seu argumento que se baseia em uma fé no Cristo que se estabeleceu na história, e cuja presença entre os homens foi confirmada em fatos e por fé.

[1] HALE, Broadus David. **Introdução ao Novo Testamento**. JUERP: Rio, 1993, p. 76.

[2] Gouvêa de Oliveira, Flávio; Gouvêa de Oliveira, Flávio. **O Evangelho em Carne e Osso: Uma exposição do evangelho de Lucas para pessoas de corpo e alma** (p. 9). Flávio Gouvêa de Oliveira. Edição do Kindle.

Torna-se importante considerar como o Evangelho de Lucas começa e como ele termina. Em seu prólogo (1.1-4), ele indica claramente o que esperava alcançar com sua composição, endereçada a Teófilo, possivelmente uma figura preeminente em seu tempo. Esse seria seu propósito pastoral.

Já em seu epílogo (24.45-53), há um abrupto encerramento que só se justifica se considerarmos que há uma saga a ser desenvolvida em seguida, visto que todas as testemunhas aparecem em Jerusalém, aguardando o cumprimento de uma promessa. Esse seria o seu propósito missionário.

A Proposta do “Manifesto de Nazaré”

Quando se afunila a abordagem do Evangelho de Lucas enfocando a porção do capítulo 4, encontra-se o chamado “Manifesto de Nazaré”. Jesus após ser batizado (3.21-22) e ser tentado (4.1-13) inicia a sua missão na Galileia. Será esse o movimento em seu Evangelho: da Galileia para Jerusalém.

Um texto paradigmático é o 4.14,15:

"14Então Jesus, no poder do Espírito, voltou para a Galileia, e a sua fama correu por toda aquela região. 15E ensinava nas sinagogas, sendo elogiado por todos."[3]

Chegando em sua cidade (Nazaré), Jesus vai até uma sinagoga. E percebe-se neste ato algo planejado até mesmo em seus mínimos detalhes. Com o livro de Isaias em mãos, ocorre aqui mais do que uma Exposição das Escrituras, mas uma verdadeira proclamação: acerca do “ano aceitável do Senhor”, que para Jesus já havia chegado.

[3] De Almeida, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Lc 4.14-15.

Esse foi o texto lido por Jesus nessa ocasião:

"10 Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados, 2a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus, a consolar todos os que choram 3e a pôr sobre os que choram em Sião uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de pranto, manto de louvor em vez de espírito angustiado. Eles serão chamados carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória."[4]

N. T. Wright faz um comentário pertinente sobre essa proclamação em forma de "manifesto":

Após retornar à sua terra natal de Nazaré, Jesus vai, em um sábado, para a sinagoga- um lugar de adoração, mas também de "ponto de encontro" comunal (é isso que a palavra significa), lugar onde pessoas se reúnem para discutir e analisar questões, estudar a lei e meditar sobre seu significado. Jesus se levanta para ler um texto do profeta Isaías, e escolhe mais uma das grandes passagens sobre a nova criação vindoura, libertação da escravidão, novo Êxodo e restauração após o exílio, o qual constituía a esperança que sustentava boa parte da vida judaica de sua época. Esta é a passagem normalmente referida como "manifesto de Nazaré".[5]

O texto fala de Jesus sendo "ungido" e sendo "enviado". O estudo dessas duas palavras cabe muito bem ao propósito desse argumento:

χριστιο *chrīo*

1) ungir

1a) consagrando Jesus para o ofício messiânico e concedendo-lhe os poderes necessários para o seu ministério

1b) revestindo os cristãos com os dons do Espírito Santo[6]

[4] De Almeida, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Is 61.1-3

[5] WRIGHT, N.T. **Simplesmente Jesus**. São Paulo: Thomas Nelson, 2020, p. 105

[6] Strong, James, **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong** (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002)

ἀποστέλλω *apostello*

- 1) ordenar (alguém) ir para um lugar estabelecido
- 2) mandar embora, despedir
- 2a) permitir que alguém parta, para que alcance a liberdade
- 2b) ordenar a partida de alguém, enviar
- 2c) expulsar[7]

Em resumo, Jesus ao dar evidência ao texto de Isaias para nortear a sua vocação missionária trabalha com os conceitos de “unção” e “envio”. Um diz respeito à essência (“unção”) e outro do alcance da missão (“envio”). Importante se atentar ao que um comentarista sugere quanto a isso:

Leu de Isaias 61.1-2, seguido por 58.6. As palavras profetizam o ministério do Messias às pessoas aflitas: os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos. A aplicação que Jesus fez das palavras a Ele mesmo mostra que o senso de vocação que veio com a voz celestial no Seu batismo permaneceu forte (para a unção do Espírito, cf. At 10.38). Jesus se via chegando com boas novas para as pessoas perturbadas deste mundo. O ano aceitável do Senhor não representa, naturalmente, qualquer ano civil, mas, sim, é um modo de fazer referência à era da salvação.[8]

Essa expressão “ano aceitável do Senhor” é uma evocação ao chamado “Jubileu”. Em Levítico 25 encontra-se a instituição desse “sabático dos sabáticos”.

"8— Conte sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos somem quarenta e nove anos. 9Então, no sétimo mês, aos dez dias do mês, você fará soar a trombeta; no Dia da Expição, vocês farão soar a trombeta por toda a terra de vocês. 10Santifiquem o quinquagésimo ano e proclamem liberdade na terra a todos os seus moradores. Esse será um ano de jubileu para vocês, e cada um de vocês voltará à sua propriedade, cada um de vocês voltará à sua família. 11O quinquagésimo ano será jubileu para vocês; não semeiem o campo, não colham o que nascer por si mesmo, nem colham as uvas das vinhas não podadas. 12Porque é jubileu, será santo para vocês; o produto do campo vocês podem comer.

[7] Strong, James, **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong** (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002)

[8] MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Novo e Vida Nova, 1990, pp.101,102

13— Neste Ano do Jubileu, cada um de vocês voltará à sua propriedade.

14— Quando você vender algo ao seu próximo ou comprar alguma coisa dele, não explore o seu irmão. 15Você comprará do seu próximo com base no número dos anos desde o último Jubileu; e, segundo o número dos anos das colheitas até o próximo Jubileu, ele venderá a você. 16Sendo muitos os anos, você aumentará o preço e, sendo poucos, você abaixará o preço; porque ele está vendendo a você o número das colheitas. 17Que ninguém explore o seu próximo; cada um, porém, tema o seu Deus; porque eu sou o Senhor, o Deus de vocês.

18— Observem os meus estatutos e cumpram os meus juízos; assim, vocês habitarão seguros na terra." [9]

Seria um tempo de ampla alforria, com três marcadores principais: os escravizados seriam libertados; as propriedades retornariam aos seus antigos donos e as dívidas do povo seriam perdoadas. Com o soar das trombetas o “ano do Jubileu” seria declarado de 49 a 49 anos. Para o pobre, esse som soaria como liberdade. Para o endividado, soaria como perdão. Seria um tempo de libertação sem precedentes, uma vez que haveria um gerenciamento de autonomias pessoais. Todos se sentiram “livres” no sentido mais absoluto da palavra.

Essa foi a proclamação de Jesus em Nazaré. Interessante que não foi em Jerusalém, centro da tradição judaica, mas na Galileia empobrecida. A missão de Jesus lança luz à nossa vocação junto aos “mais pobres dentre os pobres”, para aqueles as quais a palavra “jubileu” faria todo o sentido.

Não se trata de “opção preferencial pelos pobres”, mas sim de opção intencionalmente amorosa pelos empobrecidos. Aqueles para os quais a promessa de restauração e perdão ecoariam como realidade necessária e última. Na verdade, o Jubileu celebra um júbilo nacional, e “o júbilo é fruto do perdão. O júbilo é fruto da misericórdia. O júbilo é fruto de o verdadeiro Deus ser conhecido, adorado e obedecido”. [10]

[9] De Almeida, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Lv 25.8-18

[10] CROUCH, Andy. **Três fatores cruciais para uma real recuperação da pandemia**. Disponível em: <<https://www.christianitytoday.com/ct/2021/june-web-only/tres-fatores-cruciais-para-real-recuperacao-da-pandemia-pt.html>> Acesso em: 12 de maio de 2022.

A Proposta da Nossa Vocação

Tentando trazer esse conceito de “Jubileu” para a contemporaneidade, é mister se fazer uma correlação com a recessão em que o mundo atravessa no contexto pós pandêmico. Tudo por conta de uma desigualdade que agride a humanidade severamente. Vê-se no mundo uma cultura de desperdício que deveria causar constrangimento público.

Os quatro grupos que Jesus cita de Isaias em seu sermão em Nazaré ainda estão no século XXI, a saber: “pobres, cativos, cegos e oprimidos” (Lucas 4.18,19), e eles hoje respondem por homens e mulheres que sobrevivem em meio a uma tirânica globalização.

Richard Foster em um dos seus livros, comenta sobre esse ponto quando menciona sobre o ano do Jubileu como sendo uma celebração da generosidade de Deus:

Havia um princípio social importante no Jubileu. Se executado fielmente (o que não era), ele teria eliminado completamente o antigo problema de os ricos ficarem mais ricos e os pobres ficarem mais pobres. Era, com efeito, justiça legislativa a favor dos pobres; um mecanismo legal institucionalizado para resolver um problema social e espiritual. O ciclo vicioso de pobreza podia ser quebrado. Pais que tinham perdido tudo e eram forçados a vender-se como escravos para sobreviver sabiam que seus filhos não precisavam ser esmagados por sua herança econômica. Podiam ter um novo começo. Inversamente, os ricos não podiam oprimir para sempre os menos afortunados. Sua posição vantajosa não era perpétua.[11]

Essa mensagem é o cerne da vocação missionária: proclamar a todos que em Jesus, o Jubileu eterno pode ser estabelecido, sem a necessidade de se impetrar nenhum edito institucional. Logo, o Jubileu não é resposta a uma decisão política. Jesus é o “Jubileu encarnado”. Basta crer nele.

[11] FOSTER, Richard. **Celebração da Simplicidade**. Campinas: United Press, 1999, p. 35

A liberdade que o crente possui, só pode ser plena em Jesus. E a vocação cristã só se torna plena quando a igreja se dedica à missão de Jesus sem restrições pessoais ou ideológicas. Jesus é a liberdade para um mundo cada vez escravizado por ídolos de metal e tantos outros mentais! E esta liberdade é a proclamação do “ano aceitável do Senhor”.

Nessa abordagem do “manifesto de Nazaré” em Lucas com implicações para a vocação missionária, pode-se sinalizar que a missão da igreja junto aos “pobres, cativos, cegos e oprimidos” ocorre na imposição de uma “disposição natural do espírito”, em uma verdadeira compulsão divina. Os crentes têm por mandato divino o dever de ministrar a liberdade e o amor aos que estão carentes de esperança em todo o mundo.

No contexto das grandes e pequenas cidades do mundo inteiro fica muito fácil se identificar pessoas carentes. E a elas, a igreja tem de comunicar que Jesus, o Jubileu “em carne e osso” veio a todos para trazer libertação sem limites. As igrejas locais precisam ser celeiros de generosidade. Em outras palavras, elas têm de viver um amor que faça seus membros saírem das quatro paredes de seus templos na direção das ruas onde encontram-se homens e mulheres a quem terão de demonstrar que Jesus é resposta aos seus anseios mais íntimos.

Antônio Carlos da Costa em um dos seus livros desafiadores, lança à igreja evangélica brasileira um desafio:

Antes de chamar a Igreja para pregar, Deus a convoca para o exercício do amor. Compreender isso é de fundamental importância para a correção daquele tipo de espiritualidade que resume a vida e a missão do cristão e da igreja ao ato de pregar o evangelho para quem não o conhece. Esse pensamento tem feito que igrejas inteiras neguem os princípios mais elementares do amor, em nome de uma dedicação exclusiva a algo que, se for real, levará o convertido a fazer muito mais do que evangelizar.[12]

[12] COSTA, Antônio Carlos. **Teologia da Trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o cristianismo**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 99

E ele continua:

Não há nada que Deus ame em sua criação mais que os seres humanos, criados à sua imagem e semelhança. Amar é viabilizar a vida humana e ajudá-la a cumprir sua vocação divina. Significa tratar com dignidade todo aquele que cruza o seu caminho e levá-lo a voltar para casa se sentindo mais amado e mais próximo de Deus. Pratique isso com petistas, tucanos, espíritas, protestantes, católicos, ateus, agnósticos, esquerdistas, direitistas, homossexuais, heterossexuais, conservadores, progressistas, judeus, palestinos, árabes, americanos, argentinos, brasileiros, paulistas, cariocas, nordestinos. Não ignore o pobre, o vulnerável, o excluído, o enlutado, o doente, o desempregado, o que sofre violação de direitos humanos. Não explore ninguém. Não pague salário baixo. Que no seu e no meu caminho não haja rastro de destruição e miséria. E que, dos altos céus, Deus olhe para nós e sorria, pelo simples fato de nos ver vivendo a vida que ele próprio vive: uma vida de amor.[13]

Não há como fugir desse chamado proposto por Antônio Carlos no título de seu livro, a saber, “fazer teologia a partir de uma trincheira”. A linguagem é de guerra. Não há o que se fazer de diferente.

A resposta de cada crente ao “Manifesto de Nazaré” precisa ser de uma obediência sem reservas. Fora dos templos evangélicos observa-se uma multidão aguardando a proclamação da libertação, em Jesus. E o Jubileu chegou. Jesus está entre nós.

Por isso pode-se encerrar essa argumentação com as palavras de C. S. Lewis em seu “Cristianismo Puro e Simples”:

[13] Ibid, pp. 103,104.

Nós não fomos gerados por Deus, mas apenas criados: em nosso estado natural, não somos filhos de Deus, mas apenas (por assim dizer) estátuas. Não possuímos zoé, a vida espiritual, mas apenas bios, a vida biológica, que em breve definhará e morrerá. A oferta que o cristianismo faz se resume no seguinte: se deixarmos Deus agir, poderemos vir a compartilhar da vida de Cristo. Então, partilharemos de uma vida que foi gerada, não criada; uma vida que sempre existiu e sempre existirá. Cristo é o Filho de Deus. Se participarmos desse tipo de vida, também seremos filhos de Deus. Amaremos o Pai como o Filho o ama, e o Espírito Santo despertará em nós. Cristo veio a este mundo e se fez homem a fim de disseminar nos outros homens o tipo de vida que ele possui- por meio daquilo que chamo de "boa infecção". Todo cristão deve tornar-se um pequeno Cristo. O propósito de se tornar cristão não é outro senão esse.[14]

Em síntese essa é a vocação missionária: tornar-se "pequeno Cristo" para espalhar a vida de Jesus de Nazaré a todos os "pobres, cativos, cegos e oprimidos". Essa "boa infecção" precisa alcançar aos confins da terra.

Considerações finais

Há de se pensar em uma leitura da Bíblia que seja a partir do nosso chão, do drama da nossa gente. Em que pese a busca de referenciais e leituras diversas, deve-se priorizar o olhar para o povo, enxergando elementos da vida de Jesus que coincidam com a vivência das pessoas em seu dia a dia.

Lucas procurou em seu evangelho trazer um Jesus "de carne e osso", e comunicou sua proposta de mensagem aos homens e mulheres igualmente "de carne e osso". A revelação de Deus não ocorreu no espaço sideral, mas na terra. No nosso chão. Em meio à nossa gente.

[14] LEWIS, C.S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2017, pp. 234,235.

No “Manifesto de Nazaré” é possível ler o anúncio de um tempo em que a economia seria reinicializada. Em um contexto mundial com tantas perdas por conta de desigualdades perversas, urge o tempo de se proclamar o Jubileu encarnado, Jesus, como aquele que propõe em sua mensagem, a verdade que liberta, a saber a verdade do amor.

Quando se olha para a vocação missionária como “algemas invisíveis”, isso provoca o pensamento de que os crentes possuem uma capacidade extrema de envolvimento em causas superficiais da esfera política, que deixam de ir ao cerne da questão humana: o próprio coração.

Nos grupos de “pobres, cativos, cegos e oprimidos” em uma medida ou outra, toda a humanidade se encontra, logo se justifica nossa missão de liberdade e amor neste mundo. Em suma, em um mundo onde as pessoas amam o poder, a igreja de Jesus é chamada para exercer o poder de amar.

Referências

COSTA, Antônio Carlos. Teologia da Trincheira: reflexões e provocações sobre o indivíduo, a sociedade e o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, 188 p.

De Almeida, João Ferreira. trad., **Nova Almeida Atualizada**. Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017)

FOSTER, Richard. **Celebração da Simplicidade**. Campinas: United Press, 1999, 221 p.

GOUVEIA DE OLIVEIRA, Flávio. **O Evangelho em Carne e Osso: Uma exposição do evangelho de Lucas para pessoas de corpo e alma**. Edição do Kindle.

HALE, Broadus David. **Introdução ao Novo Testamento**. JUERP: Rio de Janeiro, 1993, 332 p.

LEWIS, C.S. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2017, 300 p.

MORRIS, Leon L. **Lucas: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Novo e Vida Nova, 1990, 330 p.

Strong, James. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WRIGHT, N.T. **Simplesmente Jesus**. São Paulo: Thomas Nelson, 2020, 299 p.

CROUCH, Andy. **Três fatores cruciais para uma real recuperação da pandemia**. Disponível em: <<https://www.christianitytoday.com/ct/2021/june-web-only/tres-fatores-cruciais-para-real-recuperacao-da-pandemia-pt.html>> Acesso em: 12 de maio de 2022.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022